

Por um feminismo de irmãs de terra



Este ano que deixamos para trás, mas que ainda arrastamos, impôs, a muitas de nós, olhar a vida pela janela; a outras tantas, a nos adaptarmos sem remédio às medidas urbanocêntricas que foram pensadas desde e para as grandes cidades. A primavera está chegando e seguimos em uma pandemia que já nos levou muitas vidas que não voltarão, e que acentuou ainda mais a crise, a precariedade e a falta de serviços na qual vivemos. Precisou vir um vírus para demonstrar que este sistema que não orbita ao redor da vida e no qual nos encontramos presas não é sustentável, e que é só o começo e o agravamento de outras crises e pandemias. Nestes últimos tempos, a esta emergência climática, se uniram a emergência social e sanitária e não podemos começar este manifesto sem trazer à tona todas as pessoas atingidas pelo vírus e pelo sistema.

Talvez possamos cair no erro de pensar que as palavras não são capazes de tanto. Mas nós acreditamos que seguem sendo importantes. Apesar da incerteza e da dor, nossas palavras são também ecossistemas de pensamentos e ações que não existem em outros lugares. Graças a elas, podemos ver o mundo, fazer parte dele, reimaginar e tornar possível pensar e acreditar em outros futuros fora deste sistema.

Irmã,

Neste 2021 não sairemos às ruas como nos outros anos. Estaremos separadas por uma distância que nos roubou os beijos, os abraços que já estamos há um ano sem sentir, e os sorrisos escondidos pelas máscaras. Por isso, neste ano em que as praças estarão mais vazias que nunca, as convidamos a ler estas palavras, a torná-las suas, das sacadas, das casas, e deixar que a fumaça das chaminés se encarregue de juntar nossas vozes, que o vento as faça chegar bem longe.

Este 8 de março não podemos deixar de levantar nossa voz como mulheres rurais. Porque a pandemia também trouxe minutos de lucidez; minutos em que vimos como a própria cidadania se organizava e se encarregava daquilo a que as políticas públicas não quiseram cuidar, porque não estavam a altura nem foram suficientes. Por isso queremos agradecer: por nos ensinar que outras formas de conviver e de apoio mútuo são possíveis.

Obrigada a essas mulheres produtoras e pensadoras, que se organizaram desde a base para que seus alimentos locais e de proximidade pudessem chegar a todas as casas. Lembramos especialmente de iniciativas como SOS Campesinato e de todas as trabalhadoras imigrantes que no ano passado ficaram presas dentro de nossas fronteiras, em um país que não era o seu, longe de suas famílias e em condições muito longe de serem chamadas de dignas. Também lembramos todas as pessoas trabalhadoras do setor agropecuário que se contagiaram com COVID-19 durante a primavera e o verão passados devido às condições

sub-humanas nas quais trabalhavam e viviam, chamando atenção para um sistema de produção intensiva que se sustenta não respeitando direitos humanos mais básicos, nem o bem-estar animal, nem os recursos naturais nem o território que nos sustenta.

Obrigada a todas essas mulheres que não deixam nem um só dia de cuidar de seu gado, da terra, de preservar nossas raças autóctonas e sementes locais, mantendo nossos ecossistemas e sua biodiversidade. Nem o vírus nem as grandes nevascas deste inverno conseguiram pará-las. Porque, se nossos meios rurais não são zonas de catástrofe, é graças a sua perseverança e seu trabalho altruísta, que a maioria das vezes segue sendo invisível e não reconhecido.

Este ano ficamos ainda mais órfãs que nunca por culpa deste vírus. Perdemos muitas pessoas que amamos: que faziam parte de nossa família, de nossos círculos de amizade, cúmplices do dia a dia... E, sobretudo, perdemos essa grande sabedoria que se esconde por trás dos olhos e das mãos de tantas mulheres rurais em idade avançada. Um conhecimento da terra, do ambiente que nos rodeia, herdado das avós das avós de suas avós, que agora guardam as flores e as pedras, e que com elas se perdeu para sempre.

Também se foram com elas muitas palavras que nunca mais voltarão. Algumas, com sorte, foram recolhidas nas folhas de algum dicionário local, esperando que alguém as use de novo. Porque não podemos também nos esquecer da riqueza linguística que guardam as mulheres rurais, dando nome a todos os elementos que nos rodeiam, e graças às quais, hoje, temos a sorte de poder seguir escutando uma grande variedade de línguas e sotaques que tornam único e diverso nossos meios rurais. Por trás da língua e da palavra há formas de vida e vínculos maravilhosos e únicos.

Também não nos esquecemos de todas as mulheres que são discriminadas por sua diversidade e nossas irmãs trans. Não podemos nos esquecer dessas mulheres que falam e vem com suas mãos, nem das mulheres que caminham em outros ritmos. Das mulheres rurais com sofrimentos e mal estares emocionais, daquelas com capacidades distintas. Chamadas de loucas, chamadas de esquisitas, chamadas de incapazes. Marcadas por serem diferentes. Duplamente esquecida e duplamente afetadas pela pandemia.

Todas somos diferentes,

e todas

juntas

com nossas diversidades, guardamos nossos meios rurais. Os enchemos de vida e nos juntamos para seguir adiante, nos esquecendo destas palavras que começam por “des-“ das quais gostam tanto os meios de comunicação.

Falávamos que a pandemia nos roubou os abraços, mas tecemos mais redes que nunca para suprir essa falta de serviços que foram agravados pela pandemia. Nós nos organizamos para levar alimentos a quem não podia sair de casa, visitando quem não podia encontrar os familiares por estarem longe e dedicando mais tempo que nunca a cuidar de quem está por perto.

Nestes tempos difíceis, muitas mulheres tiveram que combinar os trabalhos do campo, outros o teletrabalho, outras seguiram na linha de frente nos centros de saúde; com ser professoras, cuidadoras, enfermeiras... Tendo que estar disponíveis para os outros o tempo todo.

Escutamos constantemente que temos muita sorte de viver em um povoado, porque temos contato direto com a natureza. Mas o que ninguém vê é que aqui os serviços básicos foram reduzidos pela metade; serviços que já eram escassos e que em muitos casos apenas desapareceram. Com o vírus como desculpa, foram fechados centros de convívio e refeitórios e foram reduzidos os horários de muitas creches e outros espaços dedicados ao cuidado. Além disso, muitas famílias tiveram que sair das casas de seus mais velhos por medo do contagiá-los, ficando muitas mulheres sem outra alternativa a não ser se virarem para poder conciliar seu trabalho com o cuidado de seus familiares dependentes.

Lembramos também todas as companheiras que sofreram com a redução da jornada de trabalho (ERTES), ou que tiveram que fechar seus negócios pela crise causada pela pandemia. Vimos como, durante muito tempo, os governos impulsionaram o turismo nas zonas rurais como única fonte de renda. Este ano, a pandemia fez com que muitas famílias rurais, dedicadas ao turismo, passassem necessidade e não tenham outras opções.

A pandemia agudizou, mais que nunca, a exclusão digital. Em um ano em que o teletrabalho emergiu em nosso país, nos deparamos com que enquanto nas grandes cidades chegava o 5G, em muitos de nossos povoados nem sequer chega banda larga. Incorporamos a palavra “teletrabalho” a nossa rotina e, para muitos meios e administrações, isso se converteu em panaceia e salvação de nossos meios rurais. Nós hoje queremos reivindicar o *terratrabalho*. Queremos seguir lutando por ter acesso à terra e a uma vida digna no meio rural. Queremos que ajudem e facilitem as produções agroecológicas e extensivas que estão ligadas ao território, produzindo alimentos de alto valor ambiental, criando um vínculo único entre pessoa, animal, semente e terra. Queremos dignidade e direitos para

as pessoas imigrantes que trabalham em nossos campos. Queremos os serviços públicos de qualidade que merecemos.

Logo a primavera estará de volta.

Nossos campos já brilham com uma cor verde que nos faz pensar em outro amanhã. Não importa o que venha pela frente, porque seguiremos unidas enfrentando as adversidades. Porque nem sequer esse vírus conseguiu esvaziar nosso território. Seguimos juntas enfrentando a pandemia. Seguimos unindo nossos povos tecendo redes e vínculos, com nossas mãos tingidas pela cor da nossa terra. E ficamos aqui na terra e conjugamos o verbo “aterreñar”, uma palavra do norte que nos devolve a esperança e a luz. Significa ver e pisar na terra de novo depois da neve, não só nós, mas também os animais, que voltam depois das grandes nevascas para se alimentarem do pasto. Sabemos que logo poderemos manchar nossas mãos com a terra, todas juntas; nos olharmos e sorrir.

Por um feminismo de todas,
por um feminismo de irmãs de terra.

*A ilustração é de [Eva Piay](#). Você pode baixar [aqui](#).

**Este Manifesto foi escrito por Lucía López Marco y María Sánchez. Agradecemos aos conselhos e sugestões de Celsa Peitado, Ana Pinto, Blanca Casares, Patricia Dopazo, Mentxu Ramilo, Karina Rocha, Elisa Oteros e Elena Medel. E a tantas outras que nos enviaram suas sugestões.

***Este manifesto foi traduzido ao Português Brasileiro por Estela Rosa.